

CLAUDIO MAGRIS

# Microcosmos

*Tradução*

Roberta Barni

Copyright © 1997 by Claudio Magris  
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Microcosmi

*Capa*  
Mariana Newlands

*Preparação*  
Amelinha Nogueira

*Revisão*  
Mariana Zanini  
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Magris, Claudio  
Microcosmos / Claudio Magris; tradução Roberta Barni. —  
São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Microcosmi  
ISBN 978-85-359-1914-1

1. Estudos interculturais — Norte da Itália 2. Ístria (Croácia e  
Eslovênia) — Descrição e viagem 3. Norte da Itália — Descrição  
e viagem I. Título.

11-05928

CDD-914.53930429

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Norte da Itália : Descrição e viagens : Estudos  
interculturais 914.53930429
2. Ístria : Descrição e viagens : Estudos interculturais 914.53930429

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

*“Embora o Mundo todo já seja conhecido, e muitíssimos sejam os livros que em geral põem sob nossos olhos sua descrição, mesmo em se tratando de uma só Província, difficilmente a encontraremos descrita a contento...”*

*Amedeo Grossi, arquiteto, agrimensor e avaliador, 1791*

*“Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Com o decorrer dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, reinos, montanhas, baías, navios, ilhas, peixes, moradas, instrumentos, astros, cavalos e pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que aquele paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto.”*

*Jorge Luis Borges*

# Sumário

Café San Marco, 11

Valcellina, 39

Lagunas, 61

O Nevoso, 99

Colina, 124

Absirtides, 161

Antholz, 202

Jardim Público, 246

A abóbada, 284

# Café San Marco

As máscaras ficam no alto, sobranceiras ao grande balcão de madeira negra, marchetada, proveniente da renomada marcenaria Cante — renomada ao menos noutra época, mas no Café San Marco os títulos de honraria e a fama duram um pouco mais; mesmo a daquele que, para ser lembrado, pode unicamente alegar o feito — o que não é pouco — de ter passado anos àquelas mesinhas de mármore com pé de ferro fundido que terminam num pedestal sustentado por patas de leão, e de ter dito, de quando em vez, o que pensava sobre a pressão apropriada da cerveja e sobre o universo.

O San Marco é uma arca de Noé, onde, sem favoritismos nem exclusões, há lugar para todos, para todo casal em busca de refúgio quando lá fora está chovendo pesado, e mesmo para os solitários. A propósito, nunca entendi aquela história do Dilúvio, alguém recorda a fala do sr. Schönhut, *shammes*, pau para toda obra do templo israelita adjacente, enquanto a chuva surrava os vidros e as grandes árvores do Jardim Público — ao fundo da rua Battisti, logo à esquerda de quem sai do café — sacudiam encharcadas ao

vento, sob um céu de ferro. Se era por causa dos pecados do mundo, tanto fazia acabar de vez com tudo: para que destruir e depois começar tudo de novo? Nem dá para dizer que as coisas tenham melhorado depois dele, ao contrário: chacinas e crueldade sem fim, e, no entanto, nada mais de dilúvios; antes, a promessa de não extirpar a vida da Terra.

Mas por que tanta piedade para com os assassinos que vieram depois, e nenhuma para os de antes, todos afogados feito ratos? Ele bem que devia saber que com cada ser vivo, animal ou homem, entrava na arca o mal; aqueles tipos que lhe tinham provocado compaixão carregavam dentro de si os germes de todas as epidemias de ódio e de dor, destinadas a se desencadear até o fim dos tempos. E o sr. Schönhut tomava sua cerveja, certo de que a coisa terminaria ali mesmo, pois ele podia dizer o que quisesse do Deus de Israel, até cobras e lagartos, tudo ficava em família, mas vindo dos outros seria uma indelicadeza e, em determinados períodos, uma enorme patifaria.

O senhor está todo despenteado, vá ao toalete se recompor, assim lhe dissera daquela vez, com severidade, a senhora idosa. Para ir ao toalete, quem está sentado na sala do balcão tem de passar por baixo das máscaras, sob aqueles olhares à espreita, ávidos e apavorados. O fundo que cerca aquelas caras é negro, uma escuridão em que o Carnaval acende lábios e faces escarlates; um nariz pende inconveniente e recurvo, gancho perfeito para agarrar algum passante e arrastá-lo naquela festa sombria. Parece — as atribuições pictóricas são incertas, apesar da paciência de estudiosos que tentam averiguá-las, como se o San Marco fosse um templo antigo — que aqueles rostos, ou alguns deles, são de Pietro Lucano, o qual, na igreja do Sacro Cuore — não muito distante do café, basta cruzar o Jardim Público ou subir pela rua Marconi, que o ladeia —, pintou os dois anjos da abside que sustentam dois círculos de fogo, saltimbancos da eternidade cujo saiote o artista

se viu obrigado pelos padres jesuítas a encomprar até quase os tornozelos, para não deixar à mostra as pernas andróginas.

Há quem afirme que algumas das máscaras são de Timmel, possível autor de uma máscara de dama em outra sala. A hipótese é incerta; indubitavelmente naquela época, lá pelo final da década de 1930, “o preferido da rua”, como adorava se definir o pintor vagabundo nascido em Viena, foi completar sua autodestruição em Trieste; arranjava para si algumas noites suportáveis nos cafés — capazes de distraí-lo por algumas horas da impossibilidade de viver — presenteando com alguma pequena obra-prima um ou outro rico comerciante triestino, mecenas que consideravam um artista um urso, um urso que devia dançar e tropeçar em troca dos generosos porres que lhe permitiam atravessar a noite e, aos poucos, o levavam para o fundo.

Timmel reinventava a própria infância, contando que a meningite que o acometera quando criança era uma mentira arquitetada por seus pais, por causa do ódio que tinham dele, e, enquanto sua mente e sua memória se desagregavam, escrevia o *Caderno mágico*, mistura de fulgurantes epifanias líricas e soluções verbais próximos à afasia, esmigalhados pela amnésia, à qual ele chamava nostalgia, desejo de apagar todos os nomes e todos os sinais que enredam o indivíduo no mundo. Já antes desse extremo refúgio, o viandante rebelde, que terminaria seus dias em um hospício, procurava escapar dos tentáculos da realidade encerrando-se numa inércia vazia e vertiginosa, “agachando-se ocioso e desinteressado”, de mãos cruzadas, imóvel e satisfeito por sentir-se rodando com a Terra, no vazio. Procurava a passividade e celebrava o fascismo, que o libertava da constante obsessão pela responsabilidade e lhe poupava o insucesso de perseguir a liberdade sem encontrá-la, impelindo-o de volta à submissão da infância: “É absolutamente necessária a dependência, para se alcançar a atmosfera venturosa”.

O percurso através do café e de sua estrutura em L, mesmo que seja só para satisfazer aquilo que o diretor de ensino Lunardis nunca se deixou convencer a definir senão por imperiosidade, não é retilíneo. Amado pelos enxadristas, o café assemelha-se a um tabuleiro, e nos movemos por entre suas mesinhas como o cavalo, percorrendo-o incessantemente em ângulo reto chegando de volta, amiúde, ao ponto de partida, àquela mesa onde se preparou o exame de literatura alemã e onde, muitos anos mais tarde, encontramos-nos escrevendo ou respondendo à milionésima entrevista sobre Trieste, sua cultura centro-europeia e sua decadência, enquanto, pouco mais adiante, um rapaz está revisando sua monografia de graduação e outro, na saleta dos fundos, joga baralho.

As pessoas entram e saem do café; atrás delas, os batentes da porta ainda oscilam, um leve sopro de ar faz ondular a fumaça estagnada. A oscilação tem um fôlego cada vez mais curto, uma pulsação cardíaca mais breve. Pairam na fumaça tiras de poeira miúda e luminosa, espirais sinuosas desenrolam-se lentamente, frágeis guirlandas ao pescoço dos náufragos, agarrados à própria mesa. A fumaça envolve as coisas numa camada macia e opaca, casulo em que a crisálida gostaria de se encafiar indefinidamente, poupando-se a dor da borboleta. Mas a pena que escrevinha fura o casulo e liberta a borboleta, que, amedrontada, bate suas asas.

No balcão reluzem as taças de frutas e as garrafas de champagne, um abajur listrado de vermelho é uma medusa iridescente: no alto, os lustres resplandecem e flutuam feito luas na água. A história diz que o San Marco foi inaugurado em 3 de janeiro de 1914 — apesar das resistências do consórcio triestino dos proprietários de cafés que, em vão revoltados para impedir o fato, haviam se dirigido à “Vice-intendência do Reino Imperial” —, tornando-se imediatamente ponto de encontro da juventude irredentista, bem como um laboratório de passaportes falsos para os patriotas antiaustríacos que queriam fugir para a Itália. “Fácil, para aqueles



juvens”, resmungava o sr. Pichler, ex-Oberleutnant no front da Galícia durante as carnificinas de 1916: “Divertiam-se para valer com aquele vaivém de fotos cortadas e coladas, era como baixar uma daquelas máscaras e vesti-la, sem pensar que ela é que pode puxá-lo para a escuridão e fazê-lo desaparecer, como daquela vez, tantos deles e tantos de nós, na Galícia ou no Carso... E não vamos exagerar com a famosa devastação do café, em 23 de maio de 1915, por parte dos esbirros austríacos... é isso mesmo, esbirros, como se aqueles arremedos de investigadores e os tiras que vieram depois deles — concordo, não foi uma coisa boa, tudo arreventado e despedaçado, um café tão bonito... mas a Áustria, no conjunto, era um país civilizado, o governador De Frieskene, durante a guerra, chegava até a pedir desculpas a um irredentista como Silvio Benco, por ter de mantê-lo sob vigilância especial, por ordens superiores. Se ainda houvesse o Império, tudo teria ficado igual, o mundo teria permanecido um Café San Marco, e acham pouco?, é só olhar para fora!”.

O San Marco é um café de verdade, periferia da história marcada pela fidelidade conservadora e pelo pluralismo liberal de seus habitués. Pseudocafés são aqueles em que acampa uma única tribo, pouco importa se de senhoras de bem, de rapazes ambiciosos, de grupos alternativos ou de intelectuais atualizados. Toda endogamia é asfixiante; até os colégios, os *campi* universitários, os clubes exclusivos, as classes dirigentes, as reuniões políticas e os simpósios culturais são a negação da vida, que é feito um porto de mar.

No San Marco triunfa, viçosa e impetuosa, a variedade. Velhos capitães de longo curso, estudantes preparando-se para os exames e maquinando manobras amorosas, enxadristas insensíveis ao que acontece ao seu redor, turistas alemães intrigados com as plaquinhas dedicadas a pequenas e grandes glórias literárias outrora habitués daquelas mesas, silenciosos leitores de jornais,

turminhas festivas com certa inclinação para a cerveja bávara ou o vinho *verduzzo*, idosos carrancudos esconjurando a iniquidade dos tempos, contestadores sabichões, gênios incompreendidos, algum yuppie imbecil, rolhas estalando feito salvas honoríficas, especialmente quando o dr. Bradaschia, já intimado por ostentação de falsos títulos — entre os quais até o de bacharel — e sob interdição judicial, destemido oferece bebida aos que estão ao seu redor ou aos que passam à sua frente, dizendo ao garçom, num tom que não admite réplica, que ponha na sua conta.

“No fundo, eu estava apaixonado por ela, mas não gostava dela, ao passo que ela gostava de mim, mas não estava apaixonada por mim”, diz o sr. Palich, nascido em Lussino, ao sintetizar um atormentado romance conjugal. O café é um burburinho de vozes, um coro desconexo e uniforme, a não ser por uma ou outra exclamação em uma mesa de enxadristas ou, à noite, pelo piano do sr. Plínio — por vezes um rock, mais frequentemente música alcoviteira dos anos do entreguerras, *nei tuoi occhi ner brilla già il piacer*, “nos teus olhos negros já brilha o prazer”, o destino avança com os passos de um bailado kitsch.

“Que por dinheiro, qual o quê, imagina só se alguém como o velho Weber ia se deixar ludibriar. Isso sem falar que rica era ela, e não ele, e que ela sabia muitíssimo bem que ele não tinha condições de lhe deixar quase nada. Talvez, para gente como nós, o apartamentozinho em Nova York representasse uma fortuna, mas uma pessoa como ela nem repara. Foi ele quem quis se casar — o Ettore, primo dele, também disse isso, fazia quase cinquenta anos que não se falavam, por causa daquela história do jazigo da família em Gorizia; de qualquer modo, quando Ettore soube que o velho, que afinal tinha dois anos a menos do que ele, tinha poucos meses de vida pela frente, pegou um avião e foi visitá-lo em Nova York, e o outro, mal lhe abriu a porta de casa, foi logo dizendo que tinha grandes novidades, que ia se casar na semana seguinte —, sim,

porque, disse-lhe, tinha feito quase tudo na vida, menos se casar, e não queria bater as botas sem antes ter experimentado o casamento também. Casamento mesmo, especificava, como manda o figurino; não dá para morrer sem antes ter sido casado; conviver, disso todos são capazes, até você — acrescentava, oferecendo ao primo um copo de marasquino Luxardo —, e não preciso dizer mais nada. E assim, contava Ettore, depois de ter cruzado o oceano, ainda tive de tomar um gole daquele marasquino, que, já quando eu era novo, em Zara, me dava ânsia de vômito. De qualquer modo, morreu tranquilo — agora que consegui preencher até o último quadradinho da enquete, foi assim que ele disse —, e temos de reconhecer que não encheu o saco de ninguém, nem nos últimos dias, ele que sempre tinha sido um porre, vai ver que o casamento lhe fez bem.”

Vozes erguem-se, confundem-se, apagam-se, ouvimo-las atrás de nós, rumo ao fundo da sala; barulho de ressaca. As ondas sonoras se afastam como os círculos de fumaça, mas ainda estão em algum lugar. Sempre estão lá, o mundo é cheio de vozes, um novo Marconi poderia inventar um aparelho capaz de captar todas elas, infinito vozerio sobre o qual a morte não tem poder; as almas imortais e imateriais são ultrassons vagando pelo universo. Assim pensa Juan Octavio Prenz, que, àquelas mesmas mesas, ouviu esse murmúrio todo e o transformou em romance em sua *Fábula de Inocencio Onesto, el Degollado*, história grotesca e surreal, entretecida e dissolvida pelas vozes que se cruzam, se sobrepõem, se afastam e se dissipam.

Nascido em Buenos Aires, originário do interior da Ístria croata, professor de italiano e escritor em espanhol, Prenz ensinou e vagueou pelos mais diversos vilarejos aquém e além-mar; talvez tenha se fixado em Trieste porque a cidade lhe lembra o cemitério de barcos e carrancas da enseada de Barragán, entre Buenos Aires e La Plata, que agora vive somente num livro franzino de poesias suas. Senta no Café San Marco, ainda sentindo sobre si aquele

olhar das carrancas carcomidas pelo vento e pela água, atônitas pela aproximação de catástrofes que os outros ainda não conseguem ver. Folheia a tradução de um livro seu, de versos. Uma das poesias é dedicada a Diana Teruggi, que era sua assistente na Universidade de Buenos Aires. Certo dia, na época dos generais, a moça sumiu para sempre. Mais uma vez, a poesia fala da ausência, de algo ou de alguém que não está mais lá. Pouca coisa, uma poesia, uma marca posta num lugar vazio. Um poeta sabe disso e não dá muito crédito à poesia, menos ainda ao mundo que o celebra ou ignora. Prenz tira o cachimbo do bolso, sorri para as duas moças sentadas à outra mesa, conversa com um senegalês que roda entre as mesas vendendo bugigangas, compra dele um isqueiro. Conversar é melhor que escrever. O senegalês se afasta, Prenz chupa o cachimbo e se põe a escrever.

Nada mau preencher as folhas debaixo das máscaras que riem sorratamente e em meio à indiferença das pessoas sentadas ao redor. Aquele bondoso desinteresse corrige o delírio de onipotência latente na escrita, que pretende organizar o mundo com alguns pedaços de papel e pontificar sobre vida e morte. Assim, querendo ou não, a pena se banha de uma tinta temperada com humildade e ironia. O café é o lugar da escrita. Estarmos sós, com papel, caneta e uns dois ou três livros no máximo, agarrados à mesa como um naufrago sacudido pelas ondas. Poucos centímetros de madeira separam o marinheiro do abismo capaz de tragá-lo; basta uma pequena brecha e as grandes águas negras irrompem impetuosas, puxando para baixo. A caneta é uma lança que fere e cura; transpassa a madeira flutuante e a coloca à mercê das ondas, mas também a remenda, tornando-a novamente capaz de navegar e manter a rota.

Agarrar-se à madeira, sem medo, porque o naufrágio também pode ser salvação. Como é mesmo a velha história? O medo bate à porta, a fé vai abrir; fora não há ninguém. Mas quem ensina

a abrir? Há um bom tempo, não se faz outra coisa senão fechar as portas, é um verdadeiro tique; por certo tempo, tem-se algum sossego, depois a ansiedade torna a apertar o coração, e gostaríamos de trancar tudo, até as janelas, sem perceber que assim o ar nos falta e a enxaqueca, naquele sufoco, vai martelando mais e mais as tēmporas, e aos poucos acabamos ouvindo somente o barulho da própria dor de cabeça.

Escrevinhar, soltar os demônios, embridá-los, amiúde apenas arremedá-los com inócua presunção. No San Marco os demônios são relegados ao alto, revirando a cenografia tradicional, porque o café, com sua decoração floral e o estilo Secessão vienense, lembra que por essas bandas é até possível estar bem, uma sala de espera em que é agradável esperar, procrastinar a saída. O gerente, seu Gino, e os garçons, que chegam à mesa com um copo após o outro — por vezes assumindo a iniciativa de oferecer, mas não a todos, torradas com salmão, acompanhadas de um *prosecco* especial —, compõem uma hierarquia angélica menor, mas confiável o bastante para zelar para que os desterrados do paraíso terrestre estejam à vontade naquele Éden sub-reptício e que nenhuma serpente os alicie até a saída com alguma falsa promessa.

O café é uma academia platônica, dizia nos primórdios do século Hermann Bahr — que também afirmava sentir-se bem em Trieste, porque naquela cidade tinha a impressão de não estar em lugar algum. Nessa academia não se ensina nada, mas apreendem-se a sociabilidade e o desencanto. Pode-se conversar, contar casos, mas não é possível pregar, fazer comícios, lecionar. Cada qual, à sua mesa, está próximo e distante em relação a quem está ao seu lado. Ama o teu próximo como a ti mesmo, ou seja, suporta a mania que teu vizinho tem de roer as unhas, assim como ele suporta algum tique teu mais desagradável ainda. Entre essas mesas não é possível lançar modelos, criar alinhamentos, mobilizar prosélitos e imitadores, recrutar discípulos. Nesse lugar do desen-

canto, no qual já sabemos como o espetáculo termina, mas nem por isso perdemos o gosto de assistir a ele ou a indulgência para com os lapsos dos atores, não há lugar para falsos mestres, que seduzem com falsas promessas de redenção aqueles que têm uma ansiosa e vaga necessidade de fácil e imediata redenção.

Lá fora, os falsos Messias acham terreno fértil para arrastar prosélitos, deslumbrados ante miragens de salvação, por caminhos que eles não têm condição de percorrer, conduzindo-os, assim, rumo à destruição. Os profetas da droga, capazes de dominar o seu uso sem se deixar arrastar por ela, seduzem inermes discípulos para que os sigam por aquele caminho ao longo do qual se destruirão; alguém, numa sala de estar, proclama que a revolução se faz com o fuzil, sabendo perfeitamente que se trata de uma metáfora inócua e permitindo que outros, que ingenuamente a tomam ao pé da letra, logo se vejam pagando o preço por isso. Entre os jornais presos nas hastes de madeira, uma revista ilustrada exibe o rosto de Edie Sedgwick, a belíssima e indefesa modelo norte-americana que acreditava no evangelho da desordem, pregado com ordenado controle por Andy Warhol, mestre de seu clã, e que se deixou convencer a buscar não o prazer, mas um indefinível sentido da vida naquelas febris transgressões sexuais, naqueles ingênuos ritos grupais e naquelas drogas que a levaram, mais dolorosa e banalmente, à infelicidade e à morte.

No San Marco, não temos a ilusão de que o pecado original não tenha sido cometido e de que a vida seja virgem e inocente; por isso é mais difícil impingir algum ouropel a seus clientes, algum ingresso para a Terra Prometida. Escrever significa saber que não se está na Terra Prometida e que jamais se poderá chegar lá, mas ainda assim seguir caminho com tenacidade em sua direção, através do deserto. Sentados no café, estamos viajando; como num trem, num hotel ou pela rua, temos conosco bem poucas coisas, não é possível apor a coisa alguma qualquer vaidosa marca

pessoal, não somos ninguém. Naquele anonimato familiar podemos nos dissimular, livrar-nos do eu como de uma casca. O mundo é uma cavidade incerta, na qual a escrita penetra perplexa e obstinada. Escrever, interromper-se, conversar, jogar baralho; o riso a uma mesa vizinha, um perfil de mulher, indiscutível como o destino, o vinho no copo, cor dourada do tempo. As horas fluem serenas, indiferentes, quase felizes.

Proprietários e ex-proprietários ou gerentes do café, como dizer, soberanos de antigas dinastias. Marco Lovrinovich, de Fontane d’Orsera, perto de Parenzo, que abria cantinas e depósitos de vinhos da mesma forma que outros escrevem versos ou pintam paisagens, inaugura o café a 3 de janeiro de 1914, ali onde antes havia a Latteria Centrale Trifolium, com o curral para as vacas, e diz oficialmente que vai chamá-lo San Marco em homenagem ao próprio nome, ao mesmo tempo em que aproveita para reproduzir até na decoração das cadeiras a efígie do leão veneziano, símbolo de italianidade e de irredentismo. Lá no fundo, talvez estivesse convencido de que até aquele leão alado fosse uma homenagem a seu nome de batismo. Não se chega aos 94 anos, como ele, sem se ter a íntima convicção de que se é o centro do mundo.

Entre as mesinhas do San Marco, alguns, ao contrário, morreram jovens e sozinhos, devastados pelo descompasso entre a própria alma e o mundo, que decerto não foi criado sob medida para eles — aquele rapaz sempre um tanto suado, por exemplo, que andava por aí feito uma fera acuada e trazia nos olhos a consciência de que já estava nas presas do tigre. Vinha toda tarde, com uma porção de folhas que ia preenchendo, uma após a outra, e que sempre carregava consigo, até que um dia não o vimos mais: na noite anterior ele se atirara no pátio interno do prédio.